

Racismo algorítmico: a inteligência artificial e a (in)visibilização dos povos indígenas

Racisme algorithmique: l'intelligence artificielle et la (in)visibilisation des peuples indigène

Mariolinda Rosa Romera Ferraz  

mariolinda.ferraz1970@gmail.com

Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, Brasil

Resumo

O presente artigo recapitula a literatura sobre as perspectivas fundacional e pós-moderna de homem/humanidade, a fim de traçar o percurso (meta)narrativo do racismo. Embora já se fale em pós-humanidade ou pós-humanismo, em decorrência da personalização de agências e de agentes robótico-algorítmicos, isto é, da Inteligência Artificial, persiste-se nas duas perspectivas anteriores, pois, defendemos a superioridade da inteligência humana em detrimento de quaisquer outras inteligências generativas (ou não). A atualização do texto se mostra quando aplico os conceitos das duas perspectivas dando ênfase à (nova) concepção de racismo algorítmico, termo surgido a partir da evolução digital e de sistemas de Inteligência Artificial. Assim, este artigo tem por objetivo articular teoria e prática na análise de imagens que revelam a perspectiva fundacional e racista contra os povos indígenas. Para geração de dados e, posterior, análise qualitativa e interpretativa, foi solicitada a criação de imagens, com foco nos povos indígenas, a partir de diversos prompts/comandos de produção, às IA: ChatGPT, Freepik, Leonardo IA, Playground IA. Além disso, a análise baseia-se em três categorias do racismo algorítmico, a saber: representação de estereótipos; objetificação e sensualização (objeto de prazer, desejo e sexo); marginalização geográfica e de direitos (Silva, 2022). Os resultados, indubitavelmente, trazem à tona (1) a complexa e truncada interação sociocomunicativa entre humanos "comuns", ou seja, leigos na norma culta computacional, e tais agentes techno-discursivos; (2) a manutenção do racismo, da branquitude e, sobretudo, de uma visão eurocentrada de homem.

Palavras-chave

Audismo Algorítmico. Necroalgoritmização. Linguagem e Exclusão. Surdez. Justiça Epistêmica.

Résumé

Le présent article récapitule la littérature sur les perspectives fondamentale et post-moderne de l'homme/humanité, dans le but de tracer le parcours (meta)narratif du racisme. Malgré que l'on parle déjà de post-humanité ou de post-humanisme, en fonction de la personnalisation des agences et des agents robotique-algorithmique, c'est à dire, de l'Intelligence Artificielle, on persiste toujours sur les deux perspectives antérieures, parce que, nous défendons d'avantage l'intelligence humaine que n'importe qu'elles autres intelligences génératives ou

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 30/07/2025

Aprovação do trabalho: 01/11/2025

Publicação do trabalho: 09/12/2025



10.46230/lef.v17i3.16045

COMO CITAR

FERRAZ, Mariolinda Rosa Romera. Racismo algorítmico: a inteligência artificial e a (in)visibilização dos povos indígenas. **Revista Linguagem em Foco**, v.17, n.3, 2025. p. 268-290. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/16045>.

Distribuído sob



Verificado com

Plagius
Detector de Plágio

non. L'actualisation du texte se manifeste plus quand j'utilise les concepts des deux perspectives, tout en se focalisant plus sur la (nouvelle) conception de racisme algorithmique, un terme qui a surgi à partir de l'évolution digitale et des systèmes de l'Intelligence Artificielle. Ainsi, cet article a comme objectif de combiner théorie et pratique dans l'analyse des images qui révèlent une perspective basée sur le racisme contre les peuples indigènes. Pour la gestion de ces données, une analyse qualitative et interprétative a été d'abord sollicitée pour créer des images relatives à la réalité des indigènes à partir de différentes productions réalisées par les IA : ChatGPT, Freepik, Leonardo IA, Playground IA. A cet effet, l'analyse sera basée sur trois catégories du racisme algorithmique, à savoir : la représentation des stéréotypes, l'objectification et la sensualisation (objet de plaisir, de désir et de sexe) ; la marginalisation géographique et des droits. Les résultats ont sans aucun doute mis en évidence (1) la complexe et truquée interaction sociocommunicative entre des hommes « communs », en d'autres termes, des profanes dans le langage soutenu computationnel, et de tels mécanismes techno-discursifs; (2) l'augmentation du racisme, et au-delà de tout, une vision eurocentrique de l'homme.

Mots-clés

Racisme. Racisme Algorithmique. Peuples Indigènes. Intelligence Artificielle.

Introdução

Este artigo nasce das minhas elucubrações e conjecturas provocadas em três momentos diferentes e de longa data. Em 2010, enquanto aluna do Programa de Pós-graduação (mestrado) em Letras, da Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD, na disciplina intitulada “Discurso, Identidade e Ideologia”, minhas reflexões foram aguçadas pela leitura de quatro filósofos: Paul Ricoeur (2008), Zygmunt Bauman (2005), Stuart Hall (2003), Emanuel Levinás (2005). Em 2025, de volta aos bancos da academia, agora, no nível de doutorado, numa disciplina intitulada “Seminário de Pesquisa”, entrei em contato, consciente e elaborado teoricamente, com a Inteligência Artificial (daqui para frente IA). Ainda, nesse mesmo ano, como aluna especial da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul/UEMS, na disciplina “Currículo escolar e a produção de identidade/diferença”, revisei leituras, particularmente de Stuart Hall, e revivi introspecções, por meio de textos de autores – como: Silva (2000), Santomé (2012), Candau (2020), Skliar (2003), Skliar e Larrosa (2011) – que tratam de identidade(s) e diferença. Sobre tudo, entrei em contato com termos como: eurocentrismo, metanarrativas, pós-estruturalismo, pós-modernidade, pós-fundacionista, interculturalidade, interseccionalidade e decolonialidade, dos quais nunca tinha ouvido falar. Enfim, esse percurso reforça em mim um espírito crítico-reflexivo sobre narrativa(s) acriticamente transmitidas e/ou apre(e)ndidas, ou, como diz Chimamanda Ngozi Adichie (2009), narrativas perigosas por (re)transmitirem uma história única.

Na tentativa de registrar analiticamente o aprendizado em constante (re) construção, elaboro este artigo com o objetivo de: (1) articular teoria e prática, ou seja, a partir das aprendizagens adquiridas e de reflexões realizadas, analisar imagens produzidas por IA e verificar a presença de elementos veiculadores

de racismo contra os povos indígenas e/ou a manutenção de metanarrativas; (2) desvelar uma forma de racismo – o racismo algorítmico – ainda pouco discutido, dado não somente à contemporaneidade, mas também à própria posição politicamente correta de não racista¹).

O racismo algorítmico se configura como veículo de metanarrativas, compreendidas como construções discursivas únicas, determinantes de pensamentos, de juízos de valor, (re)produtoras de saberes sócio-histórico-culturais, derivadas “dos próprios arranjos históricos que engendraram o pensamento de uma época” (Tedeschi; Pavan, 2017, p. 783), porém, repetidas ao longo dos tempos. Em outras palavras, são formas remissivas de contar a história, de consolidar visões e valores, de permitir e justificar a existência humana, de garantir direitos a uns e impor deveres a outros, a partir da propagação de um olhar estruturalista e fundacionista em ambientes virtuais.

O racismo sempre existiu como cerceamento, julgamento, permissão ou negação de direitos até mesmo à vida e foi “divulgado” às claras ou furtivamente. A divulgação do racismo algorítmico parece muito mais sutil, visto que é virtual, manipulado e manipulável por inteligências artificiais, as quais, na verdade, reproduzem antigas concepções. Por tudo isso, urge a necessidade de debates, discussões e análises sobre o tema nos diversos campos da sociedade, particularmente, na escola.

De acordo com Silva (2022), o racismo algorítmico evidencia-se em cinco instâncias: reforço de/a estereótipos; uso de filtros para embelezamento e clareamento da pele; atribuição de trabalhos inferiores/cerceamento; promoção da objetificação e sensualização da mulher; e ratificação da marginalização/segregação. Devido à extensão do trabalho, destacarei três dessas cinco categorias, colocando os povos indígenas como foco do racismo. A análise qualitativa interpretativista visa responder às perguntas: Em imagens produzidas pela IA sobre os povos indígenas, qual visão é perceptível: uma visão estruturalista ou uma visão pós-moderna? A fonte da análise são imagens produzidas por IA – ChatGPT, Freepik, Leonardo IA, Playground IA – a partir de diversos prompts, sendo que o primeiro e mais usado foi: “Sou professora de língua portuguesa numa turma de 5o ano do ensino fundamental. Vou trabalhar com eles a análise de imagens so-

1 É inegável que o parco debate a respeito do racismo algorítmico tem também uma vertente sociopolítica e econômica, subjacente do “poder” e branquitude de produtores/programadores de IA. Além disso, a negação do “ser racista” é uma prática extremamente comum na sociedade, ainda que essa afirmação seja contraditória e incoerente numa sociedade em que o sistema é racista (Ribeiro, 2009; Munanga, 2009; 2015).

bre os povos indígenas, durante o dia do índio”².

O foco sobre os povos indígenas se justifica porque: (a) esse povo é originário do Brasil, (b) resido no Estado de Mato Grosso do Sul, na cidade de Dourados, município no qual está localizada a segunda maior Reserva Indígena brasileira e, talvez, a mais próxima ao perímetro urbano; (c) na Reserva Indígena de Dourados, habitam três etnias distintas; (d) em termos educacionais, uma vertente desse artigo, a Reserva Indígena de Dourados conta com 9 escolas indígenas, com currículos próprios e elaboração de materiais didáticos específicos nas línguas maternas (guarani, kaiowá e terena); (e) legalmente, a Educação Escolar Indígena, ligada à Secretaria Municipal de Educação de Dourados, tem processos seletivos e concurso para professores indígenas; (f) na Universidade, há uma Faculdade Específica para a formação inicial e continuada de professores indígenas: a FAIND, Faculdade Intercultural Indígena; (g) a presença de pessoas indígenas junto à zona urbana é contante; (h) apesar dessa organização social, política e educacional, os povos indígenas de Dourados não figuram como trabalhadores no comércio³, por exemplo, ou seja, os indígenas douradenses sofrem a invisibilização, a marginalização, o racismo, enfim, mas, aparentemente, são poucos os que debatem essa realidade local.

Nessa intenção, o artigo se constitui de quatro momentos. No primeiro, discorro sobre algoritmo e IA; no segundo, discuto o racismo, a partir de distinções conceituais fundacionista e pós-modernista; no terceiro, aglutino algoritmo e racismo para a análise do que seja racismo algorítmico e suas evidências em imagens criadas por IA; no quarto, teço algumas considerações, em nada, conclusivas.

1 Algoritmo e IA: para consumir e refletir e/ou consumir-refletindo?

Para início de conversa, é necessário entender o que é algoritmo. Este ter-

2 Após a coleta das imagens e algumas reflexões, questionei se os termos usados no prompt contribuíram para a produção de algoritmos “racistas”. Questionei se os resultados seriam outros se a expressão “dia do índio” bem como a palavra índio fossem trocadas. Retornei às IA, utilizando os termos povos originários e povos indígenas no século XXI e as imagens produzidas não apresentaram mudanças significativas. Elas ratificaram estereótipos e marginalização, ao repetir elementos como cocares, roupas coloridas, colares de sementes, matas e florestas, em segundo plano.

3 Os empregos mais comuns dessa população têm sido como gari, coletores de resíduos (de lixo), vendedores ambulantes de suas produções (milho verde e mandioca, em especial), ajudante de pedreiro. Há 2 anos, numa rede de supermercados da cidade tem se percebido a presença de algumas mulheres indígenas nos caixas.

mo tem sua base nas ciências exatas, particularmente, na matemática, da qual foi recuperado e integrado às ciências da computação. De acordo com o dicionário virtual Wikipedia⁴, algoritmo é uma palavra cunhada em homenagem ao matemático e pensador persa Mohamed Ben Musa Al- Khwarizmi. Na primeira ocorrência da pesquisa Google⁵, no entanto, a palavra vem do latim, com influência do grego, e se refere ao sistema de numeração decimal utilizado pelos árabes na Antiguidade.

Linguisticamente, há vários significados para o vocábulo: (a) regras, raciocínios, operações; (b) cálculo processual – não exatamente numérico; (c) mecanismo de representações análogas; (d) redação lógica, clara, objetiva, sem ambiguidade, de um passo a passo para resolução de um problema; (e) descrição finita para o uso e aplicação em uma situação a ser resolvida, porém, sem compromisso com os resultados; (f) apesar de ser “operação” finita, não é única; ao contrário, é variada, diversa, plural, multiforme; (g) processo simples, explícito, compreensível, coerente, não pode provocar duplo entendimento tampouco dúvidas.

Para uma provocação reflexiva inicial, destaco o conceito (e) posto acima, especialmente, no que se refere a “sem compromisso com os resultados”; afinal, o algoritmo é um comando dado e atendido por um agente robótico, não humano, que não pode ser responsabilizado pelos produtos/respostas. Nessa direção, o algoritmo pode até veicular incoerências, preconceitos, discriminação, racismo, mas não pode ser acusado de incoerente, preconceituoso, discriminador, racista, até porque os resultados são gerados por meio de uma busca e seleção randômicas e automáticas em fontes virtuais, anteriormente, disponibilizadas no espaço ciberdigital.

Ainda, sob o viés da Linguística, especialmente da Linguística textual, a qual entende o texto como uma atividade resultante de práticas de linguagens situadas em práticas sociais interativas, cognitivas e multimodais, Júlio Araújo defende, em artigo recentíssimo, cujo título é a própria tese, que o “algoritmo é um texto” (Araújo, 2025, p. 2). Na contramão da irresponsabilidade prevista em um dos significados vistos nos parágrafos anteriores, Júlio argumenta que as ações discursivas dos algoritmos (1) estabelecem sentidos; (2) modelam e moderam interações; (3) suscetibilizam práticas sociais; (4) provocam respostas; (5) constituem “formas de textualização que exercem poder simbólico e pragmático no mundo” (Araújo, 2025, p. 1); e, sobretudo, (6) representam “escribas invisíveis”

4 Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Algoritmo>. Acesso em 23 de julho de 2025.

5 Fonte: Google. Acesso em 23 de julho de 2025.

que realçam (meta)narrativas estruturantes, disfarçam discursos e realidades, fomentam o consumo de histórias únicas; e (7) intencionam sentidos já privilegiados, sob a ótica de linguagem técnica.

Em se tratando de texto, adoto as concepções bakhtinianas (Bakhtin, 2003) para quem texto é toda a materialidade organizada e com sentido; o produto de uma ideia, de uma organização de pensamento, é sua revelação em palavras. Sobretudo, texto também é/tem um caráter intrínseco: o discurso, a saber, a própria ideia, o modo de pensar, a mensagem veiculada, da qual submergem posicionamentos político-ideológicos. Nas palavras deste filósofo, “nenhum texto/discurso nasce puro” (Bakhtin, 2003, p. 309). Ele é resposta e, ao mesmo tempo, ponto de partida de outros textos/discursos.

Dialógica e polifonicamente, conceitos bakhtinianos, o algoritmo, enquanto texto, é uma informação precisa, mas cujo resultado pode variar conforme a visão de quem o “acessa.” Visões críticas, comprometidas com a alteridade, com o Outro (Lévinas, 2005), que respeitam as identidades e diferenças, podem aceitar (ou não) os produtos algorítmicos, que podem (ou não) ratificar (meta) narrativas. Já visões estruturalistas podem aceitá-los acriticamente e continuar retransmitindo o desvalor do humano diverso e diferente.

Os algoritmos são veiculados pela IA, um campo em constante evolução da ciência da computação capaz de (a) criar máquinas e materiais, (b) simular comportamentos e/ou agir pelo/como ser humano, (c) dar respostas técnicas, objetivas, precisas sobre assuntos (quase) infinitos, (d) gerar, separar, juntar dados numa velocidade frenética, vertiginosa e instantânea, (e) executar tarefas padronizadas ou artísticas variadas, entre outras possibilidades. Em síntese, os resultados técnico-discursivos da IA assemelham-se aos dos humanos, pois é a inteligência destes que a alimenta (Cardoso; Souza, 2024).

Gatti (2019), em sua dissertação de mestrado na área de currículo, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), intitulada “Educação básica e inteligência artificial: perspectivas, contribuições e desafios”, sinaliza que a primeira vez que o termo apareceu foi em 1956, década precursora da IA, numa conferência proferida por John MacCarthy. Entretanto, foi com o teste de Alan Turing que a expressão tomou força e se expandiu. Segundo Gatti, o teste consistia na simulação de uma entrevista realizada por/com três elementos: dois humanos e um computador.

Para Gatti, “a Inteligência Artificial, mesmo ocupando o imaginário humano na condição de um artefato muito além da capacidade do próprio homem, ainda está subordinada à vontade e comando de quem a projeta” (Gatti, 2019, p.

44). Embora ela não possua inteligência por si só, apenas processando dados, é eficaz em sistematizar e automatizar tarefas, conferindo-lhe uma potencial relevância para execução de atividades intelectuais humanas, entre elase processamento de textos. Nesse sentido, ela é “verdadeiramente um campo universal” (Russell; Norvig, 2013, p.25).

A IA nada pode realizar se não for alimentada por dados, algoritmos, preexistentes no mundo virtual. Em outras palavras, para existir, funcionar e executar comandos, a IA necessita “de dados criados pelo próprio homem para realizar um trabalho, solucionar um problema [...] quem fornece os dados, os padrões de comportamento e modelos de ação não é outro ser, senão o humano.” (Gatti, 2019, p. 47). Se, pois, a IA não “funciona” sem as contribuições humanas, ainda que se assemelhe a um supercérebro, como é possível dizer que ela é inteligente? Longe de representar uma forma de inteligência, a IA é fake e desprovida de intelecto. Ela apenas processa dados. A esse respeito, Floridi (2023) alerta:

today, artificial intelligence (AI) manages the properties of electromagnetism to process texts with extraordinary success and often with outcomes that are indistinguishable from those that human beings could produce. These AI systems are the so-called large language models (LLMs), and they are rightly causing a sensation. [...] They do not think, reason or understand [...] and they have nothing to do with the cognitive processes present in the animal world and, above all, in the human brain and mind, to manage semantic contents successfully (Floridi, 2023, s/p).⁶

Miguel Nicolelis, médico paulistano, neurocientista, professor titular do Departamento de Neurobiologia e Codiretor do Centro de Neuroengenharia da Duke University (EUA), articulador de estudos sobre tecnologias em interface com o cérebro humano, assim como Floridi (2023), argumenta na direção de que a IA pode imitar processos cognitivos semelhantes ao da mente humana, mas não tem inteligência por si só para isso, tampouco para criar inovações sem a inteligência, mão e cérebro do homem. Em entrevista a Reinaldo Azevedo, pelo canal Reconversa, o médico adverte:

6 Hoje, a inteligência artificial (IA) gerencia as propriedades do eletromagnetismo para processar textos com sucesso extraordinário e muitas vezes com efeitos indistinguíveis daqueles que os seres humanos poderiam produzir. Esses sistemas de IA são os chamados modelos de linguagem grande (LLMs), e estão causando uma sensação. [...] Eles não pensam, raciocinam ou entendem [...] e não têm nada a ver com os processos cognitivos presentes no mundo animal e, acima de tudo, no cérebro e na mente humanos, para gerenciar conteúdos semânticos com sucesso (Floridi, 2023, s/p – tradução minha).

Estamos morrendo de medo que a inteligência artificial, **que não é nem inteligente nem artificial**, na minha opinião, substitua o ser humano. O problema não é esse. O problema é o oposto. Se todas as recompensas do mundo moderno foram ditadas pela lógica digital do sim ou não, não existe nenhum valor cinza entre branco e preto, o cérebro vai falar o seguinte: Opa! Para eu sobreviver eu tenho que copiar essa lógica; eu tenho que passar a me comportar desta maneira. Então, todo o sistema emocional límbico hedonístico se torna binário, porque ele vai ter que se adaptar à estatística do mundo que o cérebro detectou e que é fundamental pra gente sobreviver. Então, na realidade, pode afetar a evolução humana em termos; e quer dizer mais atrofia do que desenvolvimento. Esse cérebro, ele vai perdendo um potencial e vai ganhando certos potenciais, não tem dúvida [...] (Nicolelis, 2023 – grifo meu).⁷

Na sequência da entrevista, o intelectual fornece dados que comprovam a não inteligência da IA e o perigo desta ferramenta para o intelecto humano. De um lado, como ponto negativo, além da contração de habilidades cognitivas básicas, ele refere: (a) uma queda brutal no vocabulário de crianças do ensino médio americano, além da diminuição na interpretação de texto e raciocínio lógico; (b) diminuição drástica e dramática da atenção nas salas de aula, devido ao uso de telefones e laptops; (c) o "marketing" por trás da ideia de que as criações tecnológicas superarão (no extremo, significaria substituir) seus criadores, devido a interesses econômicos gigantescos em propagar a falácia de que nós estamos ficando obsoletos; (d) o consumo exponencial de energia elétrica pelos sistemas computacionais (criptomoedas, treinamento de sistemas digitais), que já consome mais de 3 a 5% da produção elétrica do planeta, ressaltando os bastidores financeiros. Por outro lado, positivamente, Nicolelis alude que (e) um computador não será capaz de substituir o humano, pois (f) não pode reproduzir elementos como empatia, intuição ou solidariedade, que não são computáveis ou descritíveis por fórmulas ou algoritmos.

Diante de todo o exposto, volto ao título desse tópico: Algoritmo e IA: para consumir ou refletir e/ou consumir-refletindo? A resposta parece óbvia, mas, muitas vezes, o óbvio tem de ser dito: consumir a IA é nosso direito, mas refletir sobre seu consumo é, acima de tudo, nosso dever. Afinal, "à medida que a biotecnologia e o aprendizado de máquina melhoram **[já que nós, humanos a ensinamos]**, fica mais fácil manipular as emoções e desejos mais profundos das pessoas, e se

7 Esse trecho da entrevista foi transcrito como apoio da IA NotebookLM. Adaptações foram feitas para manter o raciocínio, estabelecer coesão, coerência, clareza; e a pontuação foi totalmente aplicada por mim.

tornará mais perigoso do que nunca seguir o seu coração” (Kaufman, 2018, p. 41 – acréscimo meu).

Dados a resposta e o(s) alerta(s), prossigo em direção ao foco do artigo que é o racismo.

2 Percorso do racismo: do fundacional ao pós-moderno

Trato neste tópico de duas perspectivas a respeito do humano/da humanidade: a perspectiva fundacionista e a perspectiva pós-moderna.

A primeira (Descartes, 1993)⁸, firmada no Iluminismo e na filosofia ocidental, postula a existência de um núcleo essencial, fixo e universal para a identidade humana. Resumidamente, este ser é centrado, unificado, homogêneo, racional, consciente, essencial, pré-social⁹, autônomo, soberano; fisicamente, homem, “macho”¹⁰, heterossexual, branco, perfeito; neurologicamente, com todas as faculdades neurocerebrais típicas e tipificadas para um padrão normal; espiritualmente, católico, monoteísta; politicamente, de centro-direita, defensor de padrões familiares tradicionais; biologicamente, fértil, procriador de filhos (de preferência homens); esteticamente, de pele branca, bonito, olhos e cabelos claros, magro ou de corpo esculpido; linguisticamente, falante da norma culta, estudado, adequado às normas sociais de linguagem; financeiramente, burguês, rico, bem sucedido, “patrão” e proprietário. Enfim, com autodomínio, dominador do Outro e “poderoso”. Tudo o que desvia dessas características é improvável, desumano (ou não humano), reprovável, passível de discriminação, preconceito e exclusão. Ainda mais grave é o fato de que essa perspectiva desenvolve metanarrativas formadoras de consciências acríticas, alienadas, além de definir as relações sociais e determinar quem pode (ou não) “viver”¹¹.

8 O desejo de Descartes de fundamentar a ciência é consumado com o “eu penso, logo existo”. A crença num “eu substancial”, num “ego transcendental”, coloca o sujeito no centro da ação. Desde então, essa concepção de sujeito – racional, pensante, consciente, centrado – tem sido conhecida como a do sujeito cartesiano.

9 Pré-social significa que o homem não é influenciado pelas práticas sociais; a priori, ele a domina, pois é dotado de razão, lógica e verdades incontestáveis.

10 Dizer “homem, macho” pode parecer redundante. Porém há um elemento conotativo distintivo desses padrões. Homem é simplesmente o ser cujo sexo está marcado em seu corpo por portar órgãos sexuais como pênis, testículo, bolsa escrotal. Macho pode se referir ao sexo biológico masculino, mas também descreve, semântica e semioticamente, o sujeito cujos comportamentos ou atitudes envolvem força, agressividade, virilidade, e, em alguns casos, masculinidade tóxica.

11 Oposto à vida, está a morte. Pareço radical ao falar de morte? Remeto o leitor à leitura do capítulo “Necropolítica algorítmica”, para a percepção mais clara da morte por racismo. (Silva, 2022, p. 105-140).

A segunda perspectiva (Silva, 2000; Hall, 2003; Deleuze, 1988; Derrida, 1991; Andrade, 2017) firma-se na contramão da primeira, ou seja, assenta-se no pensamento pós-moderno. Concebe o ser humano como sujeito social, coparticipante em/de contextos diversos, pois é histórico, relacional, contingente, circunstancial, descentralizado, produto/efeito dos discursos e da história, (re)produtor e (re)produzido nas/das relações de poder, homem e/ou mulher, diverso física-espiritual-estética-linguística-intelectual-neuro-sócio-econômica-politicamente.¹²

Sobretudo, a pós-modernidade (Hall, 2003) anuncia que a identidade de sujeito é construída a partir das diferenças e transformada continuamente dentro das complexas relações de poder e de saber, as quais, por sua vez, derivam, linguística e discursivamente, das práticas sociais e práticas de linguagem. A identidade, anteriormente, fixa e essencial, é, de fato, formada e transformada continuamente em relação às formas representacionistas dos sistemas culturais horizontais. Há, pois, múltiplas identidades possíveis e em constante deslocamento.

Em suma, condições *sine qua non* do pós-modernismo são (1) o ataque às metanarrativas e (2) o desmantelamento da concepção de um homem universal, racional e autônomo. No primeiro caso, justificam-se as arremetidas pela impropriedade das explicações totalizantes do ser humano e a veiculação de visões particulares, únicas, tomadas como universais. No segundo caso, o desmanche é defendido sob o ponto de vista da valorização da multiplicidade, da(s) diferença(s) e da fluidez das identidades em oposição a qualquer essência fixa ou fundacional. qualquer essência fixa ou fundacional.

Ao olhar o percurso histórico da própria história do Brasil, é possível perceber que o encontro entre os povos originários brasileiros e os chegados de Portugal foi de estranhamento para estes e de julgamentos carregados de uma visão única; logo o racismo estava presente. Na carta de Caminha, o emissário do rei, com certa estranheza discursiva, apresenta os nativos. O primeiro destaque é a feição física e cultural (estavam nus), a cor da pele (eram pardos, avermelhados); em seguida fala dos objetos culturais (arcos, flechas), da lisura e do corte dos cabelos, dos adereços do corpo (enfeites nos lábios)¹³, etc. Enfim, no documento, é

12 Ao leitor pode parecer estranha e agramatical essa construção. Esclareço que a faço propositadamente para referir a inteireza humana. Não há partes no homem. Ele é um todo de valor exatamente pela diferença.

13 Ao leitor, a fim de perceber o olhar, no mínimo de estranhamento, logo, revelador de uma perspectiva fundacionista sobre os povos indígenas, indico a leitura integral da carta, já que neste artigo não há condições de comentá-la integralmente. O documento pode ser encontrado para download no

evidente a visão eurocêntrica sobre os povos originários e, acima de tudo, o olhar interessado e interesseiro sobre a terra, pois na interpretação dos gestos comunicativos dos indígenas predominava um interesse de conquista da terra, por conseguintes, de seus habitantes; além disso, a carta deixa transparecer a ideia de que a civilização e a civilidade eram apenas a europeia.

Posto isso, passo às considerações acerca do racismo em si. O dicionário Houaiss aponta o racismo como substantivo masculino; conjunto de teorias ou crenças que estabelecem uma hierarquia entre as raças, etnias; preconceito extremado contra indivíduos pertencentes a uma raça ou etnia diferente, geralmente considerada inferior. (Houaiss, 2001, p. 2373). Etimologicamente, a palavra é formada pela justaposição de “*ratio*” – do latim e significa categoria, espécie – ou “*razza*” – do italiano raça – e o sufixo “*ismo*”, que pode significar doutrina ou sistema. Para entender o racismo, então, prime compreender o conceito de raça.

Tarcízio Silva, mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), doutor em Ciências Humanas e Sociais, pela Universidade Federal do ABC, especificamente pesquisador do campo da Comunicação, historiciza:

[...] no século XVIII, o botanista e zoologista sueco Carlos Lineu revolucionou a ciência e a organização do conhecimento ao propor a nomenclatura binominal para classificação das espécies, milhares das quais ele mesmo nomeou. [...] A partir da obra *System Naturae* (1735), propôs que a humanidade seria composta de diferentes raças – americanos, europeus, africanos e asiáticos –, que seriam distinguidas entre si por região, cor da pele, traços fenotípicos e tendências psicológicas e políticas, em uma escala na qual os europeus estariam no topo dos valores desejáveis (Silva, 2022, p. 90).

Kabengele Munanga (2003), professor da Universidade de São Paulo/USP, em palestra proferida durante o 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação, promovido pelo Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira/PENESB, no Rio de Janeiro, apresenta não só dados históricos, mas também dados sociogeográficos sobre o racismo. Segundo o autor, na Idade Média designava-se a raça pela descendência, posto que um ancestral comum marcava as características físicas (logo, a raça). Na Idade moderna, François Bernier agregou elementos socioeconômico aos físicos:

seguinte endereço eletrônico: https://objdigital.bn.br/objdigital2/Acervo_Digital/livros_eletronicos/bndigital0009/bndigital0009.pdf.

o conceito de raças 'puras' foi transportado da Botânica e da Zoologia para legitimar as relações de dominação e de sujeição **entre classes sociais (Nobreza e Plebe)**, sem que houvessem diferenças morfo-biológicas notáveis entre os indivíduos pertencentes a ambas as classes (Munanga, 2003, s/p – grifo meu).

No final da Idade Moderna - Século XVIII (o século das luzes), o conceito de raça foi amplamente debatido, pelos filósofos iluministas dando origem à Biologia e Antropologia. Na Idade Pós-moderna - Século XIX, ao conceito de raça foram agregados critérios morfológicos da constituição física, como formato do nariz, dos lábios, do queixo, do crânio, a fim de delimitar a classificação. Na Idade contemporânea – Século XX, inicialmente, critérios sanguíneos foram referendados como motivador da existência das raças; porém, com o avanço da biogenética, logo se percebeu a impropriedade da classificação já que elementos comuns podem ser encontrados no sangue de pessoas de raças diferentes. Nessa direção, Munanga conclui: “raça não é uma realidade biológica, mas sim apenas um conceito aliás cientificamente inoperante para explicar a diversidade humana e para dividi-la em raças estancas” (Munanga, 2003, s/p). Na contemporaneidade – final do século XX aos dias atuais¹⁴, embora já haja uma forte objeção ao próprio termo raça, “a raça ainda constitui um importante núcleo semântico em torno do qual se organizam sistemas identitários e ideológicos de organização social (Cunha et al., 2024, p. 3).

Entendo, para além do termo, que, enquanto houver desigualdades sociais, haverá distinção entre humano e humano. Entendo ainda que, para ressignificar questões sobre raça, é necessário, primeiramente, pensar em identidade(s), diferença(s), alteridade, direitos, equidade, entre outros, já que, atualmente, aspectos políticos, históricos, sociológicos, religiosos, econômicos, antropológicos, culturais, educacionais, linguístico-discursivos e psicológicos interseccionam-se nesse tema.

Por tudo isso, Cunha et al. (2024) dizem que o fenômeno do racismo é complexo, alargado, pois compreende mais outros dois fenômenos: a discriminação e o preconceito. Este se refere a “um julgamento baseado em estereótipos sobre indivíduos pertencentes a um grupo racial específico, podendo ou não resultar em práticas discriminatórias” (Cunha et al., 2024, p. 5), ou seja, o preconceito é uma forma de pensar construída socialmente e inculcada na mente. Aquela

14 É necessário ter em mente que muitas interrelações e interconectividades há entre um período e outro.

– a discriminação – diz respeito às ações advindas do preconceito, ou seja, a um modo de tratar outro(s) grupo(s) racial(ais) não somente para prejudicá-los, mas também de forma a favorecer o grupo que perpetra a discriminação. Em síntese, “enquanto o preconceito é um fenômeno que pertence ao campo das ideias e dos processos mentais, a discriminação está, necessariamente, fundada no campo das ações e dos comportamentos.” (Cunha *et al.*, 2024, p. 5).

Nessa direção, conforme Munanga,

o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos, etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo a qual ele pertence (Munanga, 2003, s/p).

O racismo tem até categorizações. Racismo sistêmico, estrutural, institucional, ambiental, internalizado, interpessoal¹⁵. Paralelamente ao entendimento do racismo é também importante conhecer e se apropriar cognitivamente do termo branquitude, o qual diz respeito à posição privilegiada dos brancos quando se trata de acesso a recursos materiais, culturais e simbólicos. “Os brancos vivem em uma sociedade que os protege e os desresponsabiliza das tensões e hierarquias raciais advindas do racismo sistêmico”, conclui Cunha *et al.* (2024).

Grada Kilomba (2019), no livro *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, cujo viés é (quase) autobiográfico e totalmente memorialístico, descreve o racismo em tom sensível, porém, entranhável e aterrador. Ela afirma que o racismo tem três características indissociáveis e simultâneas: (1) a diferença que se revela pela definição do certo e do errado, do normal e do anormal, do direito a e do não direito a; (2) a diferença hierarquizada, isto é, o diferente é estigmatizado, indigno de honra, é inferior, subalterno e marginalizado; (3) a terceira característica concerne ao poder – somente o branco tem poder de ser racista. A autora diz “o racismo é a supremacia branca. Outros grupos sociais não podem ser racistas nem performar o racismo, pois não possuem esse poder” (Kilomba, 2019, p. 76 – grifo da autora).

Com toda a pós-modernidade, o racismo ainda está presente na socieda-

15 Há várias categorias de racismo; infelizmente, não poderei detalhar todas. Mas remeto o leitor às referências bibliográficas para aprofundamento sobre o assunto. Sobre “racismo recreativo”, indico o acesso a https://www.instagram.com/p/DKvbtNzJYV_/?igsh=MTRsZGtuc3Jpbnl4NA%3D%3D.

de atual? Com a cultura digital em evidência, o racismo ainda existe? Será possível apagar o racismo? Deixo essas perguntas para pensar e prossigo para chegar ao racismo algorítmico e tentar responder a essas e outras questões.

3 Racismo algorítmico: a IA revisitando metanarrativas

Neste tópico, tento aglutinar tudo o que foi exposto, a partir da análise de imagens produzidas por IA. Todavia, ainda é preciso esclarecer alguns pontos para o melhor entendimento do trabalho, das análises e dos resultados.

De imediato, trago à tona o racismo no Brasil. Mantém-se nesse país, ainda sob influência da colonização, uma hegemonia branca, eurocentrada, mesmo que “debaixo dos panos.” Dados de uma pesquisa divulgada em novembro de 2024 por Beatriz Alves, jornalista da CNN/Brasil, apontam que 59% dos brasileiros acreditam que a maioria da população é racista. Bela ironia! 59% (mais da metade) acredita que a maioria (os Outros) é racista. A questão subentendida é: Entre quem afirmou que a maioria é racista, há racistas?

Se humanos, aparentemente, não têm consciência clara e precisa do racismo que habita suas mentes e ações, ou negam essa crença em prol de uma vida politicamente correta, os algoritmos, que simulam humanos, “agem” da mesma forma? O racismo existe também na IA?

Em 2022, Tarcízio Silva lançou o livro intitulado “Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais”. Nos vários capítulos do livro, o autor revisita e/ou amplia conceitos como: microagressões, aprendizado das máquinas, (in)visibilidade e embranquecimento, necropolítica, tecnologias político-racializadas, resistência e mobilizações contra o racismo. A atualização do tema se dá pela aplicação na/à esfera digital- tecnológica, habitat da IA, a qual, de acordo com o escritor, revalida poderes: “Com fins de acumulação de poder [...] avanços tecnológicos simplificados por termos como ‘inteligência artificial’ ou ‘algoritmização’ na verdade tratam da solidificação dos horrores da dominação e da necropolítica no globo” (Silva, 2022, p. 14).

Em suma, o termo racismo algorítmico em si faz referência à transposição e à “atualização” contemporânea do racismo em ambientes digitais cuja ferramenta essencial é a IA e, por extensão, os algoritmos, textos sem autores específicos, mas escritos a milhares de mãos, a partir da coleta de dados no mundo virtual. Eles servem como veículo de racismo, ao disseminar textos imagéticos e verbais carregados de práticas e subentendidos discriminatórios. Efetivamente, o racismo algorítmico se desvela ao (1) reforçar estereótipos; (2) usar filtros para

embelezamento; (3) atribuir ao humano trabalhos inferiores; (4) promover a objetivação e sensualização; (5) ratificar a marginalidade (Silva, 2022). Na análise que proponho, me debruço sobre as categorias (1), em intersecção com a (4), e (5). A escolha por essas categorias não tem uma justificativa científica, mas empírica, a partir de algumas vozes que circundam o contato entre os povos da Reserva Indígena de Dourados e os habitantes da zona urbana¹⁶. É inegável também a influência da Carta de Caminha para o meu olhar crítico, e até repulsivo, acerca do desvalor e subjugo dos povos indígenas expressos na missiva.

Vale ressaltar que parece haver um senso comum de que falar de racismo diz respeito apenas à distinção entre o negro e o branco. Porém, racismo se refere a toda forma de desvalorização e retirada de direito(s), sobretudo o de viver; de exclusão, de anulação de poder(es) a qualquer pessoa. Neste trabalho, enfatizo o racismo contra indígenas, já que sou moradora na cidade de Dourados, Sul-matogrossense, Estado com a segunda maior Reserva Indígena Brasileira.

Às margens da cidade localiza-se a “Reserva Indígena de Dourados (RID)”, composta por duas Aldeias (Jaguapiru e Bororó), onde habitam três etnias – Guarani, Kaiowá e Terena. Entrecortada pela Rodovia MS-156, a RID¹⁷ está cercada, ao sul e leste, a menos de 1km, pela zona urbana da cidade; a oeste, por grandes fazendas, e, ao norte, pelo município vizinho de Itaporã (figura 1).

Figura 1 – Mapa de Dourados/MS



Fonte: <https://apublica.org/2019/10/a-luta-das-guarani-e-kaiowa-na-regiao-mais-perigosa-para-mulheres-indigenas-no-pais/>.

16 As determinações editoriais de um artigo científico, infelizmente, impõem uma seleção. As outras categorias serão discutidas em publicações futuras.

17 Para ampliação de conhecimento acerca da RID, sua história, seus modos de vida, suas dificuldades, sua organização social e geopolítica, seus enfrentamentos, enfim, suas lutas, referendo a leitura do livro “Reserva Indígena de Dourados: Histórias e Desafios Contemporâneos” (Mota; Cavalcante, 2019), encontrado em formato e-book gratuitamente no seguinte endereço eletrônico: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/prov0103.pdf>

Quanto à produção dos dados de análise, esclareço que, inicialmente, pedi a quatro IA diferentes – ChatGPT, Freepik, Leonardo IA, Playground IA – para criar imagens de povos indígenas. Usei a versão gratuita de todas, apesar dos recursos limitados nesse formato. Justifico a opção, pois entendo que (1) a versão gratuita é mais popular e acessível; (2) desejava testar a produção de imagens sem riscos de “manipulação” – talvez recursos mais avançados na versão monetizada pudessem produzir diferenças.

Os prompts (comandos para a IA) utilizados foram variados, conforme as categorias de análise. Todavia, no primeiro dia, usei o mesmo prompt, a saber: “Sou professora de língua portuguesa numa turma de 5o ano do ensino fundamental. Vou trabalhar com eles a análise de imagens sobre os povos indígenas, durante o dia do índio. Crie três imagens diferentes que representem a presença dos índios na cultura brasileira” – daqui para frente o referenciarei como (prompt 1).

Seguem os resultados (imagens) e algumas observações – análise – acerca do racismo algorítmico neles (re)velado.

Categorias 1 e 4 – Representação de estereótipos e Objetificação e sensualização (objeto de prazer, desejo e sexo)

As duas imagens criadas pela Leonardo IA¹⁸ (figura 2), a partir do prompt 1, indubitavelmente, evidenciam estereótipos.

Figura 2 – Estereótipos, Objetificação, Sensualização



Fonte: Leonardo IA.

18 A Leonardo IA compõe imagens como numa tirinha – de três a quatro quadro – com uma borda preta entre elas. As duas imagens (FIG 2) é um recorte de uma tirinha com 4 imagens.

Na imagem à esquerda, aparecem somente mulheres, totalmente descobertas da cintura para cima, e da cintura para baixo, semicobertas por “saías” artesanais de sementes. O plano de fundo da imagem é uma região montanhosa, porém com mata e rio. Na imagem da esquerda, aparecem homens e mulheres, vestidos com “biquinis” e sungas/tangas, sobrepostos por tecidos ou faixas coloridas com grafismos indígenas. Os homens têm o tórax nu. O fundo da imagem representa uma floresta.

Em ambas as figuras, os adornos, os cocares, as vestes caracterizam o indígena como se vivessem ainda em séculos passados. Além disso, a presença deles em um ambiente bucólico, na verdade, esconde o estereótipo de que o lugar do indígena é distante da vida “civilizada”. As imagens notabilizam o racismo por estereotipação como uma forma claramente política de manter estruturas, de beneficiar um grupo (ou alguns grupos), em detrimento da segregação de outro(s).

Em se tratando da imagem à esquerda, em exclusividade, entendo que é evidente a objetificação e sensualização da mulher. A figura mostra mulheres – crianças e jovens – com os seios totalmente descobertos. Duas representações femininas, inclusive, são de pré-adolescentes com os seios em desenvolvimento; uma é tão infantil que nem sinal de seios tem. As outras quatro são jovens com seios bem delineados e firmes¹⁹. Não há presença de indígenas idosas – cujos seios, por natureza, já poderiam estar “caídos”, por conseguinte, não aguçar a libido.

A figura, ainda, remeteu meu pensamento à carta de Pero Vaz de Caminha, posto que este “repórter” da Coroa destacou a presença de mulheres jovens nuas entre a “comitiva de recepção” e/ou curiosos que viram as caravelas aportarem. Sob o viés da objetificação e sensualização, a articulação entre a imagem e a Carta de Caminha enoja e provoca repulsa. Além disso, faz perceber a necessidade de manter uma luta pela valorização feminina como ser humano em vez de objeto. Ademais, um olhar mais acurado traz à tona a pedofilia, especialmente quando me lembro das constantes notícias de abuso e estupro de meninas na Reserva Indígena de Dourados.

Não basta olhar as imagens, é necessário enxergar o que elas transmitem.

19 A procura da carta à Coroa, encontrei trechos na internet que a respeito das mulheres indígenas diz que são “bem gentis com cabelos muito pretos compridos pelas espáduas e suas vergonhas tão altas e saradinhas e tão limpas das cabeleiras que de as nós bem olharmos não tínhamos nenhuma vergonha” (Caminha, 1500).

Aliás, da análise emergem questões sobre a inteligência humana. A IA não tem capacidade para esse olhar minucioso e perspicaz, já que sua inteligência não existe. Ela é artificial e só o homem (o ser humano) pode observar detalhes que dizem mais do que palavras. Acima de tudo, a sensibilidade, a empatia, a solidariedade são percepções, sentimentos e ações humanitárias, pois estão intrínsecas à inteligência humana.

Categoria 5 – Marginalização geográfica e de direitos.

Mantendo o prompt 1, busquei imagens que representassem os lugares de moradia dos povos indígenas. Produzi outros prompts; fiz vários testes; e considerei, inicialmente, que os resultados não eram claros, pois os indígenas eram mostrados somente em locais, como aldeias sem nenhuma infraestrutura, em espaços de rituais (danças), em ocas. Decidi, então, por buscas com um prompt em forma de pergunta – “**Atualmente**, como vivem os povos indígenas no Brasil?” – e em outras fontes, como o Canva e o próprio Google Imagens. Dentre tantas tentativas e imagens, juntei algumas que, mais claramente, evidenciam o viver à margem (figura 03).

Figura 3 – A marginalização geográfica e de direitos dos povos indígenas.



Fonte: ChatGPT e Google (imagens).

As imagens revelam a marginalização à medida em que as comunidades indígenas são mostradas isoladas – não há integração entre os povos originários e outros povos. Os prompts anteriores não eram ou estavam errados: os algoritmos possuem em seu imaginário um povo segregado, morador das matas (1ª imagem da esquerda), com cultura distinta, exótica (3ª imagem da esquerda para a direita) – sem influenciar ou receber influência de outras culturas (2ª, 3ª e 4ª imagem da esquerda para a direita), exceto nas vestimentas. Todas as imagens geradas mostraram o indígena vestido com roupas “de branco” – saia, camise-

ta, camisa – e adornados por seus colares de contas e sementes. A 1ª imagem à esquerda mostra, inclusive, um varal de roupas secando ao sol, no centro de um pátio rodeado por ocas. A 3ª imagem, para mim, destaca a cultura exótica e provoca uma questão: qual ritual está sendo realizado? De que conversam? Qual ensinamento está sendo repassado? O que significam os objetos?²¹

Além disso, a interação em círculo, de um lado, demonstra a transmissão da cultura oral. As ocas posicionadas também em círculo formando um grande pátio central, estigmatiza a interação apenas entre povos da mesma cultura. De outro lado, o círculo revela, claramente, o isolamento social. O plano de fundo das imagens (árvores e montanhas) denunciam a marginalização geográfica. Inferir-se também que não há, por exemplo, saneamento básico, água encanada, o que é também racismo pela retirada ou inviabilização de direitos básicos.

Para finalizar essa breve análise, trago, sem comentários, a última imagem – FIG 4 – para que o próprio leitor reflita a partir das seguintes questões: Qual o papel da Escola no combate ao racismo contra indígenas? A Escola silencia-se, ratifica, ou, de fato, combate? De que lado ela está – de que lado, nós, professores estamos? O desenho (figura 4) foi gerado pela Playground IA, uma ferramenta que oferece templates prontos; logo, não necessita de prompt: uma palavra basta para a busca. Usei o termo “índio”, por ser a forma coloquial, popular e leiga — ainda adotada por muitos professores da educação básica — para se referir aos povos indígenas.

Figura 4 - "Índio"



Fonte: Playground IA.

21 Por que exótica? Além de as questões dadas no corpo do texto explicarem o motivo, parece exótica porque a imagem provoca outras questões: o que eles estão fazendo? Aparentemente estão à mesa, mas a mesa é no chão? O que vão comer? Onde estão os talheres? Por que todos estão com as mãos juntas e próximas ao joelho? Será que vão fazer uma oração antes da refeição? Percebam que estão questões mostram uma cultura pessoal. Nada há nada de estranho na cultura deles, mas é a minha cultura que é diferente da deles. Respeitemo-nos e ponto!

Enfim, afirmo que essas, entre tantas outras imagens não selecionadas, perpetuam a perspectiva fundacionista e colocam os povos originários numa posição de racismo algorítmico, posto que todas as fontes foram virtuais interligadas a uma Agência de Inteligência Artificial sem inteligência (Floridi, 2023).

Considerações finais

A produção deste trabalho foi inquietante, intrigante, instigante, revoltante. Provocou reflexões, desconforto, raiva. Trazer à tona, em imagens, a (in)visibilização indígena foi trazer à memória o genocídio e, por tabela (como dizem), a corresponsabilidade dele. Mas, sobretudo, trouxe a responsabilidade de olhar para o Outro, a necessidade de engajamento, de fazer coro na luta dos povos indígenas. É preciso apoiar os indígenas a içar-se e percorrer caminhos que a branquitude não lhes permite.

Esta pesquisa articulou teoria e prática. As concepções teóricas do fundacionistas e do racismo algorítmico foram testadas e, de fato, percebe-se a manutenção do racismo até mesmo em ambientes controlados por agentes robóticos. De um lado, por não serem humanos e não terem valores culturais e sociohistoricamente formados e (re)transmitidos, os algoritmos não poderiam veicular visões únicas (Adichie, 2009). Por outro lado, as imagens geradas confirmam a falta de inteligência da interligência artificial (Floridi, 2023) e que ela apenas reproduz dados humanos preexistente, entre eles, o racismo. Se está em nós somos nós que devemos lutar contra ele, valorizando as diferenças, vivendo com alteridade e, sobretudo, reconhecendo que é na diferença que está a nossa identidade e existência.

À guisa de conclusão, afirmo que o racismo é combatível, sim, à medida em que: (a) toma-se consciência da não neutralidade de aparatos tecnológicos e estatais; (b) promove-se a inclusão de pessoas de diversos grupos étnico-raciais na política e na gestão de diversos setores da economia; (c) legalizam-se, de fato, os direitos de todos; (d) regulamenta-se o marketing, penalizando sem aceção preconceituosos, discriminadores e racistas; (e) participa-se ativamente de debates para a produção de políticas públicas; (f) fiscaliza-se, realmente, a consolidação de tais políticas; (g) banem-se tecnologias nocivas; (h) acima de tudo, pratica-se uma educação crítica.

Referências

- ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ALVES, B. **Datafolha: 59% dos brasileiros acreditam que a maioria da população é racista**. São Paulo: CNN Brasil, 20/11/2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/datafolha-59-dos-brasileiros-acreditam-que-a-maioria-da-populacao-e-racista/>. Acesso em: 21/06/2025.
- ANDRADE, E. P. Derrida e Deleuze: uma introdução à filosofia da diferença. **Prometeus**, Ano 10, n. 24, p. 151-161 set./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/prometeus/article/view/7189/5786> Acesso em: 21 jun. 2025.
- ARAÚJO, J. O algoritmo é um texto. **Texto Livre**, Belo Horizonte-MG, v. 18, p. 58505, 2025. DOI: 10.1590/1983-3652.2025.58505. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/58505/48500> Acesso em: 21 jun. 2025
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da Criação verbal**, São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.
- CAMINHA, P. V. de. **A carta de Pero Vaz de Caminha**: reprodução fac-similar do manuscrito com leitura justalinear, de Antônio Geraldo da Cunha, César Nardelli Cambraia e Heitor Megale. São Paulo: Humanitas, 1999. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062010000100005#:~:text=Em%20primeiro%20lugar%2C%20aten-tou%20em,t%C3%AA m%20em%20mostrar%20o%20rosto%E2%80%9D. Acesso em: 23 jun. 2025.
- CANDAU, V. M. Diferenças, educação intercultural e decolonialidade: temas insurgentes. **Revista Espaço do Currículo**, [S. l.], v. 13, n. Especial, p. 678–686, 2020. Disponível em: <http://observatorioedhemfoc.hospedagemdesites.ws/observatorio/wp-content/uploads/2022/05/DIFEREN%C3%87AS-EDUCA%C3%87%C3%83O-INTERCULTURAL-E-DECOLONIALIDADE.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2025.
- CARDOSO, F. A. C.; SOUZA, D. D. de. Inteligência Artificial: precauções e contribuições no ensino de Língua Portuguesa. **Revista Caderno de Letras** UFF, Niterói, v. 35, n. 69, p. 114-137, jul./dez. 2024. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/63605/38415>. Acesso em: 15 nov. 2025.
- CUNHA R. de O.; LEITE, I. C. G.; NOGUEIRA, M. C.; CRUZ, D. T. da. Raça e racismo: aspectos conceituais, históricos e metodológicos para pesquisas antirracistas em saúde. **Revista Saúde Soc.** São Paulo, v. 33, n. 4, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/Hjzs78pPhd8SRrXHW-QmwhYP/>. Acesso em: 21 jun. 2025.
- DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DERRIDA, J. **Margens da Filosofia**. Campinas, SP: Papyrus, 1991.
- DESCARTES, R. **Discurso do Método**. Lisboa: Edições 70, 1993.
- FLORIDI, L. AI as Agency Without Intelligence: on ChatGPT, Large Language Models, and Other Generative Models. **Philosophy & Technology**. v. 36, article number 15, 2023. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s13347-023-00621-y>. acesso em 15 nov. 2025.
- GATTI, F. N. **Educação básica e inteligência artificial**: perspectivas, contribuições e desafios. 2019. 90 f. Dissertação (Mestrado em educação). Pontifícia Universidade Católica: PUC-SP, 2019. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/22788/2/Francielle%20Nogueira%20Gat->

ti.pdf. Acesso em: 15 nov. 2025.

HALL, S. A **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KAUFMAN, D. **A inteligência artificial irá suplantará a inteligência humana?** Barueri: Estação das Letras e cores, 2018.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LÉVINAS, E. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. 2ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005

MOTA, J. G. B.; CAVALCANTE, T. L. V. (Orgs.). **Reserva Indígena de Dourados**: Histórias e Desafios Contemporâneos. Ebook, São Leopoldo: Karywa, 2019.

MUNANGA, K. **Negritude**: usos e sentidos. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MUNANGA, K. **Origens africanas do Brasil contemporâneo**: histórias, línguas, culturas e civilizações. São Paulo: Global, 2009.

MUNANGA, K. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. In: 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação. Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira. RJ: Caderno do PENESB, 2003. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-noco-es-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2025.

NICOLELIS, M. Miguel Nicolelis explica por que a IA nem é inteligência nem é artificial. Plataforma YouTube, 7 de agosto de 2023. Duração: 1:40:45. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fw8fJxWhQX8>. Acesso em: 21/06/2025.

RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RICOUER, P. **O si-mesmo como um outro**. São Paulo: Papyrus, 2008

RUSSELL, S.; NORVIG, P. **Inteligência Artificial**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

SANTOMÉ, J. T. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, T. T. **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. P. 155-172.

SILVA, T. **Racismo algorítmico**: inteligência artificial e discriminação nas redes sociais. São Paulo: Edições Sesc, 2022.

SILVA, T. T. (Org.). **Pedagogia dos monstros**: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SKLIAR, C. **Pedagogia (improvável) da diferença**: e se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SKLIAR, C.; LARROSA, J. **Habitantes de Babel**: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

TEDESCHI, S. L.; PAVAN, R. A produção do conhecimento em educação: o pós-estruturalismo como potência epistemológica. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 12, n. 3, p. 772-787, set./dez.

2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/320286117_A_producao_do_conhecimento_em_educacao_o_Pos-estruturalismo_como_potencia_epistemologica. Acesso em: 15 nov. 2025.

Sobre a autora

Mariolinda Rosa Romera Ferraz - Mestre em Letras pela Universidade Federal da Grande Dourados. Professora da Secretaria Municipal de Educação de Dourados (MS). E-mail: mariolinda.ferraz1970@gmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1693308716535535>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3897-0411>.